

Jornal de Brasília

Economia - Brasil

O erro continua

O empréstimo de 302 milhões de dólares tomado pelo Brasil esta semana ao Banco Mundial para aplicação no saneamento básico (construção de redes de esgoto e combate à poluição) mostra que a crise não ensinou nada ao País. Persiste, intacto, o modelo de endividamento gerador dessa fantástica bola de neve que está exaurindo as energias nacionais.

Não se toma dinheiro emprestado, a juros e com correção cambial, para aplicações não reprodutivas por padrões econômicos. Esta é uma verdade transparente, válida para nós indivíduos, para empresas e para governos. O crédito só pode ser acionado quando os recursos que ele proporciona se destinam a atividades geradoras de bens e serviços e ainda quando sua maturação se dê no prazo do empréstimo. Fora destes parâmetros o endividamento se torna irresponsável e seu efeito mais provável é a inadimplência.

Investimentos sociais do tipo "saneamento básico" são extremamente importantes para o País mas devem ser feitos com a poupança nacional. Eles são reprodutivos economicamente só a longo prazo, por via indireta, a da capacitação dos indivíduos para o trabalho. Não o são, sem dúvida, no ritmo exigido pela reposição dos recursos ao sacado. Foi a inadequada compreensão desse rudimentar princípio de economia que conduziu o Brasil aos sacrifícios atuais. Deixando-se seduzir pelo crédito fácil com que a reciclagem dos petrodólares inundou o mundo e sem perceber que por aí se entrelaçavam os interesses dos produtores de petróleo e dos países desenvolvidos,

o Brasil supôs haver reinventado a fórmula do crescimento e deixou-se permear pelos tentáculos da grande conspiração financeira, efeito direto e pactuado da conspiração energética da década passada.

O modelo persiste, já agora induzido não só pelo equivoco original mas também por sua própria dinâmica, que gera necessidades crescentes de novas divisas, não importa de onde nem como venham.

Alguém no governo precisa tomar a decisão política de bloquear a passagem para o desastre, porque esta Nação não tem mais energias para esperar o futuro. Precisamos todos continuar vivendo para que o futuro se mantenha como expectativa. A redução da qualidade de vida, produto das transferências maciças de riquezas para o exterior, em nome do pagamento de juros sobre juros, está afetando a nossa capacidade de prover o futuro, porque com ela reduz-se a formação profissional, a capitalização e expansão do sistema produtivo, a qualidade da saúde e a estabilidade psicológica. A classe média, com renda decrescente e custo de vida crescente, chegou ao limite da resistência. O próximo passo, como a história ensina, será a capitalização das insatisfações acumuladas nas classes inferiores e sua politização.

A decisão política que a Nação espera, antes de qualquer outra, deverá ser a operação seletiva do crédito para o fim de internar só os recursos que puderem dinamizar energias econômicas. Não nos iludamos com belas palavras de banqueiros.